

## PREDICAÇÃO METAFÓRICA E GERATIVISMO

CIRLENE MAGALHÃES ALMEIDA  
(Mestrado Universidade de Brasília)

### INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta duplo objetivo: (1) descrever semanticamente a metáfora relacionando-a à criação de dois espaços mentais: o espaço referencial e o espaço predicativo (nível pragmático da análise, no âmbito da teoria dos espaços mentais Fauconnier 1984) e, (2) sugerir que, sendo a predicação o mecanismo básico na produção de metáforas, os princípios de atribuição de papel temático ganham generalidades pois serão usados na produção metafórica, até o nível da frase (nível semântico da análise, no âmbito da teoria temática).

Apesar do quadro teórico adotado não ser o da teoria gerativa, foram constatados, no decorrer da análise, pontos de conexão entre o estudo semântico da metáfora e questões de ordem sintática. Entre outros, destacam-se: (i) a generalidade e a universalidade do fenômeno metafórico; (ii) o fato de os predicadores semânticos (V,N,A,P), caracterizadores da metáfora (no presente estudo), coincidirem com as categorias sintáticas (gramaticais ou lexicais) da teoria da regência e ligação; (iii) a questão de que os verbos que indicam fenômenos meteorológicos só poderem ser usados metaforicamente quando acompanhados de um verdadeiro argumento (p. ex.: "**as civilizações** amanhecem") e, pelo contrário, serem eles interpretados literalmente quando associados a um quase argumento ([pro amanheceu] cf. Chomsky 1981: 324 ss). (v. 8)

Estas e outras conexões entre sintaxe e semântica parecem apontar para as possibilidades explicativas que a teoria da regência e ligação tem a oferecer ao estudo da metáfora, sem entrar em contradição com a semântica cognitiva.

### I - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Algumas observações devem ser aqui registradas como ponto

de partida deste estudo.

A primeira diz respeito ao título do artigo.

**Predicação metafórica** foi uma das hipóteses teóricas da dissertação de mestrado **Para uma descrição semântico-cognitiva da linguagem metafórica**; **gerativismo**, por sua vez, foi uma questão que emergiu durante a análise da metáfora. Constatou-se que o atual estágio da teoria gerativa dá abertura para o estudo das metáforas ao incluir as relações semânticas nos verbetes lexicais.

A segunda questão refere-se ao quadro teórico adotado: semântica cognitiva, no âmbito da teoria dos espaços mentais (Fauconnier 1984). Sob a ótica dessa teoria, o verdadeiro problema semântico constitui em se achar o espaço apropriado para uso das expressões lingüísticas (ibid 203), havendo comunicação desde que sejam construídos espaços mentais adequados aos usos verbais. Sob este prisma, a comunicação eficiente implica uma grande analogia de esquemas conceptuais, cenários, papéis estereotipados que fornecem as bases para a construção dos espaços (ibid 10). Fauconnier (1984b), em seu artigo "Espaços Mentais e Comunicação", deixa bem clara a sua posição contra o gerativismo. Entretanto, frente às constatações a que chegamos sobre o estudo das metáforas, não vemos, a nível de desempenho, nenhuma incompatibilidade teórica entre a teoria dos espaços mentais e o gerativismo. Numa primeira fase, seriam estudadas as estruturas sintagmáticas, independente de considerações pessoais e culturais. Numa fase ulterior, a teoria dos espaços mentais poderia se ocupar das produções do discurso, encontrando espaços mentais adequados para o uso das expressões lingüísticas metafóricas.

A terceira consideração relaciona-se com a atualização dos estudos da metáfora diante dos atuais avanços da teoria gerativa. No modelo padrão, Chomsky postula que as sentenças bem formadas da língua são de duas naturezas: (1) as que já são geradas desde a sintaxe como totalmente gramaticais e (2) as que infringem restrições de seleção e que portanto são sintaticamente agramaticais, mas que podem receber uma interpretação posterior que as recupera, por intermédio de analogia com estruturas semelhantes e bem formadas. Tendo em vista que os desvios metafóricos incluem-se na segunda classe, as frases metafóricas ganham um estatuto específico na gramática. Desse modo sua descrição deve indicar o tipo e o grau do desvio das regularidades da língua (cf. Chomsky 1964:385 ss). Os atuais avanços da teoria, no entanto, apontam para uma descrição muito mais explicativa: não há diferença entre sentido literal e sentido metafórico. Ao ser incorporada à gramática a atribuição de papéis temáti-

cos pelas categorias lexicais básicas (V,N,A,P) - com a noção de que essas categorias se combinam com um n<sup>o</sup> x de argumentos, não se levando em consideração o significado desses argumentos -, abrem-se novas perspectivas para o estudo da metáfora nos estudos gerativistas.

Além dessas considerações teóricas parece válido supor que a predicação metafórica é um mecanismo inato, responsável pela produção das metáforas nas diferentes línguas. Estudos antropológicos e lingüísticos (NAYAR:1986, BASSO:1980, SAPIR & CROCKERS:1977, BURTON:1982) indicam que todas as línguas conhecidas parecem fazer uso da linguagem figurada.

De fato, poucos dados restariam para a análise lingüística se as metáforas fossem excluídas dos estudos lingüísticos. São usuais, na fala cotidiana, expressões lingüísticas como: "o tempo voa", "o sol se levanta", "verde-garrafa", "azul-petróleo", "pacote econômico", "leão fiscal", entre outras.

Prova de que os usos metafóricos são dados legítimos da língua encontra-se na utilização da linguagem figurada - creio que não intencional -, em produções recentes da teoria gerativa: "Rebentou a guerra pelo fim do verão" (Permuter apud Nascimento 1984:74), "pipocaram paralizações por aumento de salário" (Lopes Jorge 1986:113). "está fervilhando dos meninos que chegaram hoje, lá na praça" (Nascimento 1984:149).

Finalmente, uma última consideração: é conveniente que se formule uma teoria metafórica articulada a uma teoria da linguagem, mais especificamente, a uma teoria da competência lingüística.

Vale salientar que a visão paradigmática da metáfora, baseada no modelo estruturalista, é ainda a visão mais aceita entre os estudos da crítica literária e a que maior influência exerceu entre os estudiosos de outras áreas: Barthes (1963:213), no campo da semiótica; Lévi-Strauss (apud Holenstein 1978: 154) no âmbito da antropologia e, finalmente Lacan (1966:237) no campo da psicanálise.

Como a teoria metafórica aliada à competência lingüística ainda está por ser feita, cabe a semanticistas e a gerativistas iluminarem pontos obscuros no estudo desse aspecto tão comum quanto criativo das línguas naturais.

Por ora, atemo-nos a objetivos bem modestos como a descrição lingüística da metáfora (nível pragmático e nível semântico) e às possibilidades explicativas da teoria dos papéis temáticos na produção das metáforas.

## II - DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICA DA METÁFORA (Nível Pragmático)

### 1. Princípio de Identificação

- a) Constitui o princípio básico da teoria dos espaços mentais.
- b) É derivado da função pragmática de Nunberg (1979).
- c) Pode-se estabelecer, por intermédio dele, correspondências entre os objetos e as expressões lingüísticas.
- d) Consiste no seguinte princípio geral básico (Fauconnier 1984:16): se dois objetos (no sentido amplo) **a** e **b** estão ligados por uma função pragmática  $F$  ( $b = F(a)$ ), uma descrição de **a**,  $d_a$ , pode servir para identificar o seu correspondente **b**.
- e) Exemplos de funções pragmáticas estabelecidas pelo Princípio de Identificação:  
escritor  $\rightarrow$  obras (p. ex., "Clarice Lispector está na estante à direita");  
cliente  $\rightarrow$  prato pedido (p. ex., "O filé-a-palito pediu a conta").
- f) Função pragmática já antevista por Kayne (Kayne apud Fauconnier 1978:45):  
"John was shot.  
Fortunately the heart **which** is an essential organ of the body was not hit",  
Há uma função de correspondência **humanos**  $\rightarrow$  **coração**. As posições argumentais são diferentemente preenchidas.  
Na oração principal, "coração" refere-se a João ( $\exists x$ ) e na oração subordinada refere-se ao órgão coração, em geral. ( $\forall x$ )
- g) Na análise de Fauconnier o Princípio de Identificação recebe o nome de conector (connecteur).

## 2. Espaços Mentais

F (conector aberto = pode criar espaço mental)



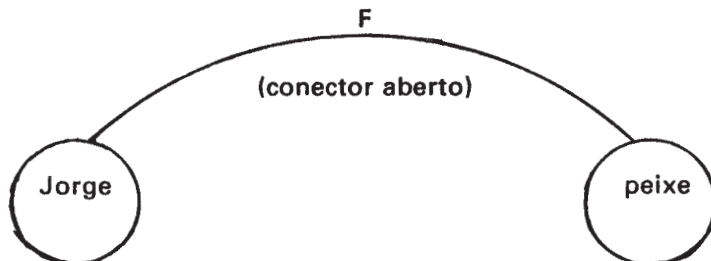
## 3. Criação de Espaços Mentais

Possibilidade de tanto a “partida” (déclencheur) quanto o “alvo” (cible) serem antecedentes numa cadeia anafórica, a nível discursivo.

- a) Clarice Lispector está na estante, à direita.  
**Ele** está encapado de azul.
- b) Clarice Lispector está na estante, à direita.  
Você vai ver como **ela** escreve bem.

A “partida” (da referência) Clarice Lispector pode ser antecedente tanto para **ele** (o livro) como para o pronome **ela** (a escritora). Esta é uma das propriedades do **conector aberto**, isto é, o conector que pode criar espaços mentais.

## 4. Espaços Mentais Metafóricos



- a) Jorge é um peixe.
- b) Ele é um peixe.
- c) Ele ganhou a competição.

Trata-se de um conector aberto pois a “partida” **Jorge** apresenta dois antecedentes possíveis: a pessoa com características de peixe (4 b) e a pessoa de Jorge (4 c)

### 5. Espaços Referencial e Predicativo na Metáfora

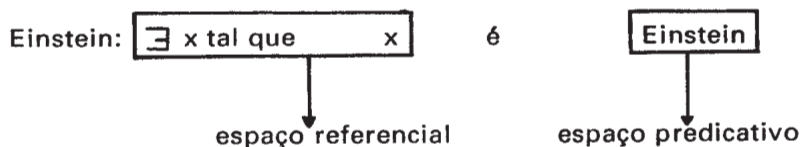
- a) **A flor da festa** chegou.
- b)\*Ela chegou.
- c) Ela alegrou o ambiente.
- d) **Einstein** já terminou a prova.
- e)\*Ele já terminou a prova.
- f) Ele é um ótimo aluno.

Em (4 b) foi possível pronominalizar o tópico, sem perda da leitura metafórica pois os dois espaços metafóricos estão representados distintamente por **Jorge** (“partida” ou espaço referencial) e por “peixe” (alvo ou espaço predicativo).

Os exemplos (5 a) e (5 d) são casos de metáforas implícitas onde os veículos metafóricos (predicação) estão **contidos** nas expressões definidas (a flor da festa e Einstein).

Para uma expressão lingüística ser metafórica, o tópico tem que estar exercendo uma função referencial. Quando se trata de metáforas implícitas, estando os veículos inseridos em expressões referenciais, a interpretação metafórica é bloqueada na pronominalização.

a flor da festa =  $\exists$  x tal que x é a flor da festa





## 8. Espaço Referencial e Predicativo: mais evidências lingüísticas.

- a) Lóri recebeu um **beijo** das águas.
- b) Ele distribuiu **patadas** aos familiares.
- c) Lóri recebeu x x é um beijo (das águas).
- d) Ele distribuiu x x são patadas (aos familiares)
- e) Lóri recebeu-o das águas.
- f) Ele distribuiu-as aos familiares.

Numa análise semântica superficial a palavra metafórica pode estar ocupando uma posição de argumento (como nos exemplos (8 a) e (8 b)). Mas, uma análise mais detalhada mostrará que nesses casos, há também uma predicação com um elemento implícito (v. (8 c) e (8 d)). A pronominalização bloqueia a metáfora já que o espaço referencial está contido no espaço predicativo (v. (8 e) e (8 f)).

- g) Anositeceu.
- h) **As civilizações** anoitecem e amanhecem.
- i) Nevou muito naquele inverno.
- j) **Nossos corações** estão nevando.
- l) Choveu durante a madrugada.
- m) Choveram **palpites**.

As frases em (8 h), (8 j) e (8 m), apresentam leituras metafóricas pois foram criados os dois espaços necessários à produção da metáfora: o espaço referencial (ou argumental) e o espaço predicativo (ou das categorias gramaticais). Por sua vez, (8 g), (8 i) e (8 l), pelo fato de apresentarem sujeito nulo, não admitem leituras metafóricas.

## III. DESCRIÇÃO SEMÂNTICA DA METÁFORA

### 9. Propriedade dos Predicadores Semânticos

- a) Não apresentam valor referencial;
- b) Atribuem propriedades e argumentos;
- c) Não incluem em seu inventário o verbo ser, as conjunções e os artigos;
- d) Pertencem à classe dos nomes, verbos, adjetivos e preposições.



## 10. Aplicação das Propriedades dos Predicadores Semânticos às Metáforas

- a) Pela aplicação do Princípio Metafórico 2, constata-se que, se ao predicador for acrescida uma expressão referencial, perde-se a leitura metafórica (v. (7 d) e (7 f)).
- b) Em “pensamentos coloridos” e “O chefe rugiu”, “colorido” e “rugiu” são predicadores que atribuem propriedades aos argumentos “pensamento” e “chefe”.
- c) Não há produção metafórica com os verbetes lexicais relacionados em (9 c).

d <sub>1</sub> ) Ele é <b>bom</b>	(adjetivo)
d <sub>2</sub> ) Dayse está <b>amarga</b> .	(adjetivo)
d <sub>3</sub> ) O menino <b>quebrou</b> o vitral.	(verbo)
d <sub>4</sub> ) Os pensamentos <b>voam</b> .	(verbo)
d <sub>5</sub> ) Lúcia é uma <b>professora</b> .	(nome)
d <sub>6</sub> ) Janice é um <b>doce-de-coco</b> .	(nome)
d <sub>7</sub> ) Coloque o livro <b>sobre</b> a mesa.	(preposição)
d <sub>8</sub> ) João está <b>sob</b> observação médica.	(preposição)

Como se observa, os usos em (d<sub>2</sub>), (d<sub>4</sub>), (d<sub>6</sub>) e (d<sub>8</sub>), são metafóricos e não se distinguem funcionalmente dos demais predicadores em (d<sub>1</sub>), (d<sub>3</sub>), (d<sub>5</sub>) e (d<sub>7</sub>).

## 11. Bases para uma Taxonomia Estrutural Metafórica

- a) Metáforas verbais: de 1, 2 e 3 argumentos;
- b) Metáforas nominais: de 1 e 2 argumentos;
- c) Metáforas adjetivais: de 1 argumento;
- d) Metáforas preposicionais: de 2 argumentos.

## 12. Metáforas Verbais

- a) O **chefe** rugiu. (1 lugar)
- b) A **maldade** bebe **a maior parte do veneno** que produz. Sêneca (2 lugares)
- c) **Maria** recebeu **confetes do chefe**. (3 lugares)

### 13. Metáforas Nominais

- a) (...) **um romance** é um espelho (...) Stendal (1 lugar)
- b) O povo quer que o **Governo** seja um pai para **todos** (2 lugares)

### 14. Metáforas Adjetivas

- a) **Pessoas** frias me dão um calafrio. (1 lugar)
- b) Garotas **doces** geralmente são boas. (1 lugar)

Para adjetivos de dois lugares (p.ex., diferente, similar, igual) não encontramos usos metafóricos, nem conseguimos produzir metáforas).

### 15. Metáforas Preposicionais

- a) Carlos tem **autoridade** sobre **todos**. (2 lugares)
- b) Um abismo entre **mim** e **ti** nos separa. (2 lugares).

## IV. PREDICAÇÃO SEMÂNTICA E GERATIVISMO

### 16. Teoria Padrão:

- a) Presença de uma comparação implícita ou símile na estrutura profunda (Miller (1979), Ortony (1979)).
- b) Anomalia lingüística derivada de uma incompatibilidade semântica entre tópico e veículo (Bickerton 1969, Matthews 1971, Gläser 1971).
- c) Interpretação metafórica devida à analogia com sentenças bem formadas (Chomsky 1964:385), sendo a metáfora explicada em termos de violação de restrições seletivas.

### 17. Teoria da Regência e Ligação

- a) Noção de restrição de seleção substituída pela noção de atribuição de papel temático.
- b) Os predicadores semânticos (V,N,A,P) caracterizadores da metáfora

(no presente estudo) coincidem com as categorias sintáticas (gramaticais ou lexicais) da teoria da regência e ligação.

- c) Devido a (17 b), a atribuição de papéis temáticos, usados no componente sintático, ganham generalidade porque serão usados também na produção das metáforas.

## 18. Teoria Temática

- a) Substituição da noção de restrições de seleção pela atribuição de papéis temáticos.
- b) Estabelecimento de grades temáticas para os predicadores semânticos.
- c) As posições de subcategorização, assim como seus ocupantes, recebem seu papel  $\Theta$  do seu núcleo N,V,A ou P (marcação temática direta).
- d) O SN (sujeito da frase) recebe seu papel  $\Theta$  de SV (marcação temática indireta).

## 19. Frases metafóricas x gerativismo

- (a) A inflação comeu nossos salários.
- (b) A galinha abotoou e desabotoou os olhos. (Lispector)

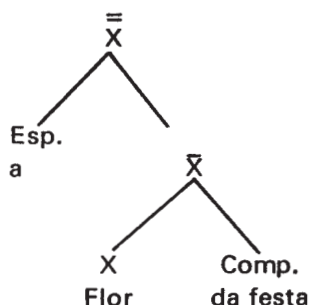
O que na teoria padrão se traduzia com a noção de restrição de seleção, traduz-se na teoria da regência e ligação com a atribuição de papel temático com vantagem, pois, não se diz mais que **comer** (v. (19 a)) impõe a restrição de seleção [ANIMADO] a seu sujeito e a restrição de seleção [COMESTÍVEL] a seu objeto (Lobato 1986:409). Diz-se agora que **comer** atribui papel teta de **agente** ao seu sujeito e o papel temático de **tema** ao seu objeto, sem levar em conta o significado de cada tipo de argumento. O que é importante é a noção de que um verbo, por exemplo, se combina com um número x de argumentos e que esses são do tipo x, y ou z. Assim sendo, na teoria da regência e ligação, o **agente de comer** pode ser qualquer item cujo referente possa ser interpretado como podendo comer, e não somente um ser animado. Similarmente, o **tema de comer** pode ser qualquer item que é ou possa ser comestível. São portanto evidentes as vantagens dos recentes progressos da teoria para a descrição da metáfora.

Em (19 b), "abotoar" pediria dois argumentos: um externo (a galinha)

na designação de Willians (1980) e outro interno (os olhos). “A galinha” (agente) e “olhos” (tema), lembramos, são papéis temáticos associados ao significado do verbo “abotoar”. Assim sendo, esse verbo estabeleceu uma relação, entre (i) aquele ou aquilo que abotoa (galinha) e (ii) aquilo que foi abotoado (olhos). Pode-se dizer, portanto, que tal verbo atribui o papel temático **agente** a (i) e o papel temático **tema** a (ii), que são seus argumentos. Essa é uma propriedade lexical dos verbos e implica dizer que eles apresentam uma estrutura de argumentos, ou seja, têm uma grade temática.

## 20. Teoria X

- a) Comportamento dos predicadores metafóricos:  
possibilidade do núcleo (N,V,A,P) ser antecedido por um especificador e seguido por um complemento.



- b) Representação configuracional adequada a todos os sintagmas metafóricos (em português), abaixo discriminados.

Especificador	X	Complemento ou Modificador
a	flor (N)	da festa
rapidamente	abotoou (V)	os olhos
bastante	amarga (A)	com ela
verdadeiramente	sob (P)	controle

## 21. Competência e Desempenho: Posição de Chomsky (1980)

- a) Distinção entre gerar sentenças através da gramática e produzir e interpretar sentenças (ibid 222).
- b) Distinção entre competência gramatical e competência pragmática por razões de exposição e de esclarecimento (ibid 224).
- c) O conhecimento lingüístico obviamente ultrapassa a frase e certamente, não há princípios que governam a estrutura discursiva (ibid 225).
- d) O conhecimento da língua relaciona-se intimamente com outros sistemas de conhecimento e de crenças (ibid 225).
- e) Uma teoria da competência mais rica pode fornecer modelos mais interessantes para o estudo do desempenho (ibid 226).

Com a publicação de **Regras e Representações**, Chomsky (1980) alargou as possibilidades explicativas da nova versão gerativista relativamente aos aspectos de produção da linguagem. Se por um lado o homem está programado para a linguagem (sistema de princípios) por outro, o funcionamento da mente humana lembra muito a sintaxe dos sonhos (ibid: 253) onde predomina o ilógico e o imaginário.

Tal abertura da teoria joga luzes sobre o estudo da metáfora, antes tratada como uma violação de restrição seletional. Já que se admite que o conhecimento da língua relaciona-se com outros sistemas de conhecimento e de crenças e que uma teoria do desempenho deve estar articulada a uma competência gramatical, o estudo da metáfora aqui esboçado parece encontrar lugar na teoria da regência e ligação, pelo menos, até o nível semântico e gramatical.

Por outro lado, se a noção de modularidade fosse transferida para uma teoria do desempenho lingüístico, traria possibilidades para a explicação metafórica. Haveria no sistema conceptual humano certas propriedades cognitivas que seriam universais como as noções de "continente/conteúdo", "dentro/fora", "alto/baixo" - no sentido que Mark Johnson e George Lakoff (1980:14) denominam de metáforas orientacionais-; entretanto, diferentemente deles, a nossa análise não atribuiria ao sistema conceptual natureza metafórica. Ao lado das características universais do sistema conceptual humano, haveria parâmetros de variação de conformidade com a cultura e com os modelos cognitivos idealizados (ICM) nela desenvolvidos.

## V - CONCLUSÕES

### 22. Descrição da Metáfora a Nível Discursivo: Teoria dos Espaços Mentais

- a) As representações do significado geradas pelas regras da gramática fornecem material para as implicaturas conversacionais, não devendo essas representações excluir os elementos do desempenho (Chomsky 1980: 65). (Em nosso estudo substituímos a noção de implicatura pela noção de espaço mental e mostramos através de um experimento psicolingüístico que o processo seqüencial de compreensão metafórica, de fato, não ocorre).
- b) A teoria dos espaços mentais, não sendo incompatível com as teorias da competência lingüística, pode descrever a metáfora a nível discursivo.
- c) Teoria modular para a análise da metáfora a nível de produção discursiva: processos cognitivos universais e diferentes parâmetros de variação entre as línguas.
- d) Procedimento comum na teoria gerativa: deixar a explicação de fatos lingüísticos-não propriamente gramaticais-, a uma teoria que se ocupe com os dados do desempenho no processo de produção do discurso (cf. Nascimento 1984: 23 ss).
- e) Criação e manipulação de espaços mentais (espaço referencial e espaço predicativo) através da aplicação do Princípio de Identificação.
- f) Unidade de análise: frases e textos metafóricos. Os espaços mentais podem referir-se a espaços mais amplos, podendo explicar as personificações, os encadeamentos metafóricos, as imagens maiores contidas em um romance ou até mesmo em toda uma obra (p.ex., a imagem da água representando vida, etc.).

### 23. Descrição da Metáfora a Nível Semântico/Gramatical: Teoria da Regência e Ligação

- a) Nível de análise: sentença

- b) Nível da competência: termo regente (espaço predicativo) termo regido (espaço referencial).
- c) Léxico com propriedades fixas e inerentes, já que o Princípio de Identificação - derivado de Nunberg (1979:153) - prevê um só uso convencional e os outros, gerados pragmaticamente.
- d) As classes gramaticais (V,N,A,P) atribuem papéis temáticos a argumentos.
- e) A predicação é o mecanismo básico da produção das metáforas.
- f) Devido a (a), (b), (c), (d) e (e), os princípios de regência e de atribuição de papel temático ganham generalidades pois aplicam-se às metáforas.

## VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empírica dos dados da língua levou-nos a descrever lingüisticamente a metáfora como uma predicação. Sob a ótica do quadro teórico adotado, a metáfora é compreendida a partir da criação de dois espaços mentais: um referencial e outro predicativo. Até o nível da sentença, o processo de predicação utilizado é o mesmo da lógica fregueana. Tem-se metáforas verbais (de 1, de 2 e de 3 argumentos), metáforas nominais (de 1 e de 2 argumentos) metáforas adjetivas (de 1 argumento) e metáforas preposicionais (de 2 argumentos).

Ficou evidenciado na análise que os predicadores semânticos (V,N,A,P), caracterizadores da metáfora, coincidem com as categorias sintáticas da teoria da regência e ligação.

A partir de tal constatação, foram observadas algumas conexões entre sintaxe e semântica que corroboram a existência do espaço referencial e do predicativo no mecanismo de produção de metáforas: (1) os predicadores semânticos apresentam uma estrutura de argumentos, ou seja, têm uma grade temática (v.19); (2) os predicadores semânticos (N,V,A,P) podem ser antecidos por um especificador e seguidos por um complemento (v.20); (3) os verbos com sujeito nulo (p. ex., "chover", "amanhecer", "nevar"), só podem ser usados metaforicamente quando acompanhados por um verdadeiro argumento, ou seja, por uma expressão lingüística referencial (p.ex., "**Nossos corações** estão nevando"); pelo contrário, eles serão interpretados literalmente quando associados a um qua-

se argumento (p. ex., o "it" em inglês na sentença "it snows"), que não apresenta valor referencial.

Este estudo preliminar mostrou também a universalidade e a generalidade dos princípios de produção da metáfora. A predicação, mecanismo básico da produção da metáfora, é universal. Em termos gerativos, os princípios de regência e de atribuição de papel temático, usados no componente sintático, ganham generalidade porque serão usados também na produção das metáforas.

## BIBLIOGRAFIA

BASSO, H. Keith. (1980). "Wise Words in Western Apache". In: Basso H. Keith & Sebbly (orgs.). **Meaning in Anthropology**. Albuquerque, University of New Mexico Press.

BURTON, W. John. (1982). "Figurative language and the definition of experience: the role of Ox-songs in Atuat Social Theory". **Anthropological linguistics**. Vol. 24, nº 3.

CHOMSKY, N. (1964). "Degrees of Grammaticalness". In: Jerry A. Fodor & Jerold J. Katz (orgs.) **The Structure of Language - Readings in the Philosophy of Language**. Nova Jersey, MIT Prentice Hall.

———, (1980). **Rules and Representations**. Nova Iorque, Columbia University Press.

———, (1981). **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht, Holanda, Foris.

FAUCONNIER, G. (1978 a). "Is there a Linguistic Level of Logical Representation?" **Theoretical Linguistic**. Vol. 5.

———, (1978 b). "Espaces Référentiels". Sull'Anafora, **Ata do Seminário da Accademia della Crusca** (14 a 16 de dezembro de 1978). Florença, Accademia della Crusca, 129-146).

———, (1981). "Pragmatic Functions and Mental Spaces". *Cognition*, 10:85-88.

———, (1984 a). **Espaces Mentaux**. Paris, Minuit.

———, (1984 b). "Espaces Mentaux et Communication". **Bulletin de Psychologie** - 1984-1985.

GLASER, R. (1971). "The Application of Transformational Generative Grammar to the Analysis of Similes and Metaphors in Modern English". *Style*, 5.

LYONS, J. (1977). **Semantics 1**. Cambridge, Cambridge University Press.

HURFORD, R.J. & Heasley, B. (1983). **Semantics: a Coursebook**. Cambridge, Cambridge University Press.

JONHSON-LAIRD, N.P. (1983). **Mental Models**. Cambridge, Harvard Cambridge Press.

LAKOFF, G. & Johnson, M. (1980). **Metaphors we live by**. Chicago, Chicago University Press.

LOBATO, L.M.P. (1986). **Sintaxe Gerativa do Português - da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação**. Belo Horizonte, Editora Vigília.



- LOPES Jorge, L.T. (1986). **Complementação do Nome: Relações semânticas e Estruturas Sintáticas, uma Proposta de Revisão da Análise Tradicional**. Tese de Mestrado, inédita. Universidade de Brasília.
- MATTHEWS, R.J. (1971). "Concerning a Linguistic Theory of Metaphor". **Foundations of Language**.
- MILLER, G.A. (1979). "Images and Models Similes and Metaphor". In: Ortony A. (org.). **Metaphor and Thought**. Cambridge, Cambridge University Press.
- NASCIMENTO, M. do (1984). **Sur la Posposition du Sujet dans le Portugais du Brésil**. Tese de Doutorado, inédita. Université de Paris VIII.
- NAYAR, Bhaskaran Pichirikkate. (1986). "The Language of Describing People" **Anthrophos**, 8, 4/6.
- NUNBERG, G. (1979). "The Non - uniqueness of Semantic Solution: Polisemy". **Linguistic and Philosophy** 3.2.
- ORTONY, A. (1979). "The Role of Similarity in Similes and Metaphor". In: Ortony, A. (org.). **Metaphor and Thought**. Cambridge, Cambridge University Press.
- SAPIR, J. David & CROCKES, J.C. (1977). **The Social Use of Metaphor**. Pensilvânia, University of Pennsylvania Press.